

COMO BLINKEN TRANSFORMOU O CORPO DIPLOMÁTICO EM UMA ALA DAS FORÇAS ARMADAS

Por Ted Snider*



O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, na Comissão Europeia em Bruxelas, 25 de março de 2021 (Comissão Europeia/CC BY-SA 3.0).

Em 2021, o governo americano disse que buscaria uma “diplomacia implacável”, mas isso tem outro nome hoje na Ucrânia.

Dizem que Henry Kissinger afirmou que pouco pode ser ganho na mesa de negociações que não seja conquistado no campo de batalha.

Em várias guerras nas últimas semanas, autoridades dos EUA ecoaram essa abordagem. O porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller, disse recentemente que os EUA “apoiam um cessar-fogo” no Líbano, ao mesmo tempo em que reconhecem que “a pressão militar pode, às vezes, permitir a diplomacia”. Enquanto isso, o secretário de Estado, Antony Blinken, expressou a doutrina como fazendo “tudo o que podemos para fortalecer a posição da Ucrânia no campo de batalha para que ela tenha a posição mais forte possível na mesa de negociações”.

Mas durante o governo Biden, a iteração da doutrina de Kissinger foi muito além dos generais apoiando os diplomatas. Os diplomatas agora estão ultrapassando e pressionando os generais. No governo Biden, apesar da promessa de abrir “uma

nova era de diplomacia implacável”, o Departamento de Estado se metamorfoseou no braço agressivo do Pentágono.

No debate dentro do governo Biden sobre se deve ser concedida permissão para a Ucrânia disparar mísseis de longo alcance fornecidos pelo Ocidente mais profundamente em território russo, são os diplomatas que pressionaram pela escalada, e o Pentágono e a comunidade de inteligência que defenderam cautela.

Blinken prometeu que “desde o primeiro dia... conforme o que a Rússia está fazendo mudou, conforme o campo de batalha mudou, nós nos adaptamos... E posso dizer que, à medida em que avançamos, faremos exatamente o que já fizemos, que é ajustar, adaptar conforme necessário, inclusive com relação aos meios que estão à disposição da Ucrânia para se defender efetivamente contra a agressão russa”.

Foi o Pentágono que aconselhou moderação. Eles argumentaram que os benefícios incertos de ataques de longo alcance não superam o risco de escalada. O secretário de Defesa Lloyd Austin sustentou que “ataques de longo alcance na Rússia não mudariam a maré da guerra a favor da Ucrânia” e concorda com a comunidade de inteligência que a Rússia é capaz de mover rapidamente a maioria de seus ativos para fora do alcance.

Esta não é a primeira vez que o debate sobre escalada apresenta lados inesperados. Enquanto, logo após a invasão da Ucrânia pela Rússia, o Departamento de Estado argumentou que “diplomacia real” não acontece em momentos de agressão, foi o general Mark Milley, o chefe do Estado-Maior Conjunto, que defendeu a diplomacia e disse que o objetivo de uma Ucrânia soberana com seu território intacto exigiria “uma guerra longa, muito difícil e com alto número de vítimas”.

Milley argumentou ainda que “você pode atingir esses objetivos por meios militares... mas também pode atingir esses objetivos, talvez, por algum tipo de meio diplomático”. Mais uma vez, foi o principal general que defendeu a diplomacia, enquanto o principal diplomata defendeu mais guerra.

Também não é o primeiro debate sobre mísseis de longo alcance. Em 15 de maio, antes que os EUA aprovassem até mesmo ataques limitados de longo alcance contra a Rússia, foi o Departamento de Estado que primeiro flutuou dando sinal verde. Questionado sobre a proibição dos EUA ao uso de equipamento americano pela Ucrânia para atacar território russo, Blinken respondeu que “não encorajamos ou permitimos ataques fora da Ucrânia”, antes de acrescentar, “mas, em última análise, a Ucrânia tem que tomar decisões por si mesma sobre como conduzirá esta guerra... essas são decisões que a Ucrânia tem que tomar, a Ucrânia tomará por si mesma”.

O Departamento de Estado abdicou da diplomacia desde o início. Sabemos que em 17 de dezembro de 2021, Putin propôs garantias de segurança aos Estados Unidos com uma demanda fundamental de nenhuma expansão da OTAN para a Ucrânia. Mas, em vez de negociar, Derek Chollet, conselheiro do secretário Blinken, revelou

mais tarde que os EUA na época não consideravam a expansão da OTAN na mesa de negociações.

No final de um mandato completo, o Departamento de Estado de Blinken não tem uma única vitória diplomática para se gabar. No início de seu mandato, Biden prometeu “oferecer a Teerã um caminho confiável de volta à diplomacia”. Ele prometeu que iria “reverter prontamente as políticas fracassadas de Trump que infligiram danos ao povo cubano e não fizeram nada para promover a democracia e os direitos humanos”. Ele prometeu uma política externa diferente do “fracasso abjeto” de Trump na Venezuela. E prometeu uma nova abordagem para a Coreia do Norte que “está aberta e explorará a diplomacia”.

O Departamento de Estado de Blinken não cumpriu nenhuma dessas promessas e não conseguiu obter um cessar-fogo em Gaza ou na Ucrânia. Em vez disso, ele se valeu de uma caixa de ferramentas de coerção, sejam sanções ou força militar. Coube ao Pentágono sugerir diplomacia e questionar o uso irrestrito da força.

Enquanto isso, foi o general Charles Q. Brown Jr., chefe do Estado-Maior Conjunto, e outros altos funcionários do Pentágono que recentemente levantaram a questão na Casa Branca sobre se a dependência excessiva da força militar encorajou os parceiros dos EUA a serem cada vez mais agressivos e cruzar as linhas vermelhas americanas.

A diplomacia muitas vezes no passado fez parceria com a força militar. Mas no governo Biden, o Departamento de Estado abdicou da diplomacia e se reduziu ao braço agressivo do Pentágono que, paradoxalmente, tem sido a voz mais alta da diplomacia.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

**Ted Snider escreve sobre política externa e história dos EUA no [Antiwar.com](#) e no [The Libertarian Institute](#). Ele também é um colaborador frequente do [Responsible Statecraft](#) e outros veículos.*
